

# O Espiritualismo Ocidental

Volume 1

© 2019 – Conhecimento Editorial Ltda

## **O Espiritualismo Ocidental** Volume 1

CARLOS ANTONIO FRAGOSO GUIMARÃES

Todos os direitos desta edição reservados à  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.  
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques  
CEP 13480-970 — Limeira — SP  
Fone: 19 3451-5440  
*www.edconhecimento.com.br*  
 *vendas@edconhecimento.com.br*

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho  
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-459-1  
1ª Edição – 2019

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico da  
**Conhecimento Editorial Ltda**  
*grafica@edconhecimento.com.br*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Guimarães, Carlos Antonio Fragoso  
O Espiritualismo Ocidental – Vol. 1: Da linguagem mítica e da filosofia pagã antiga ao cristianismo primitivo – Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2019.

522 p.  
ISBN 978-85-7618-459-1

1. Filosofia 2. Filósofos 3. Espiritualidade 4. Religiões  
5. história I. Título

19-0668 \_\_\_\_\_ CDD – 102

Índices para catálogo sistemático:  
1. Filosofia : Miscelânea 102

Carlos Antonio Fragoso Guimarães

# O Espiritualismo Ocidental

Volume 1

Da linguagem mítica e da filosofia pagã  
antiga ao cristianismo primitivo

Ensaio sobre temas espiritualistas na tradição  
ocidental e na vida e obra de pensadores e  
pesquisadores que se dedicaram a este tema

1ª edição – 2019





Nosso nascer não passa de sono e oblvio:  
A Alma que conosco chega, nossa Estrela Vital,  
Vem de longe de onde agora vive, tendo traçado em outro local  
O trajeto de seu fanal;  
Não está plenamente esquecida  
Nem, por inteiro, despida,  
Mas traz nuvens de glória, doutras eras, vivida.  
De Deus viemos — e nele vivemos —:  
É ainda algo do Céu que a nós envolve em nossa meninice!  
As sombras da prisão começam a cobrir  
O Menino que cresce;  
Mas ele percebe a luz, sabe aonde ela há de ir  
E sabe ele que ela o acresce.

William Wordsworth  
(1770-1850)  
*Insinuações de Imortalidade*



Ao meu pai, Carlos Barros de Oliveira Guimaraes, sólida rocha onde pude encontrar seguro fundamento para olhar do aquém ao mais além...





## Sumário

Introdução .....	15
<b>I – No Princípio era o Mito: Imagens, símbolos, contos e arquétipos como linguagem da alma .....</b>	<b>23</b>
1 – Significado Psicológico das Imagens e Mitos .....	23
2 – A jornada do Herói: O mito do Labirinto, Teseu e do Minotauro ..	33
2.1 – A narrativa .....	33
2.2 – Interpretando os elementos simbólicos .....	38
3 – A jornada da Heroína: Uma análise psicológica junguiana do filme <i>Labirinto - a Magia do Tempo</i> , de Jim Henson (1986) .....	40
3.1 – A Jornada da Heroína .....	41
3.2 – Sinopse da história e interpretação do seu significado .....	43
4 – Os desafios de Ofélia em <i>O Labirinto do Fauno</i> .....	51
5 – Mitos e Contos de Fadas .....	56
6 – Importância dos Mitos .....	58
7 – Mito e espiritualidade, ou como a ideia do sagrado se manifesta no profano .....	59
Bibliografia .....	63
<b>II – Os filósofos da Natureza .....</b>	<b>65</b>
1 – Contexto .....	65
2 – Surgimento da Filosofia na Grécia .....	68
3 – Os filósofos da Natureza .....	70
4 – Tales de Mileto .....	72
5 – Anaximandro .....	73
6 – Anaximenes .....	75
7 – Parmênides .....	75
8 – Heráclito de Éfeso .....	76
8.1 – As ideias de Heráclito .....	78

9 – Píndaro .....	85
10 – Empédocles .....	91
11 – Anaxágoras .....	95
12 – Demócrito .....	97
Bibliografia .....	101
<b>III – Religiões de Mistérios na Grécia antiga: a tradição de Orfeu, Dionísio e de Elêusis .....</b>	<b>102</b>
1 – Orfeu: o homem por trás da lenda .....	103
2 – A religião pública e a de mistérios na Grécia.....	104
3 – O Orfismo .....	109
4 – Os mistérios de Dionísio e de Elêusis .....	117
Bibliografia .....	122
<b>IV – Pitágoras de Samos, a divina ordem do Cosmos e a sensibilização e conscientização do espírito.....</b>	<b>123</b>
1 – O homem .....	124
2 – As ideias .....	127
3 – A ação política dos pitagóricos e a sua perseguição .....	132
4 – Os versos áureos.....	134
Bibliografia .....	136
<b>V – Considerações sobre a Ideia da Reencarnação Ontem e Hoje... 137</b>	<b>137</b>
1 – O Problema <i>Mente e Cérebro</i> .....	137
2 – O caso Carl Edon/Heirich Richter.....	138
3 – Implicações.....	143
3.1 – Métodos e Técnicas modernas na abordagem da Reencarnação.....	144
4 – A Ideia da Reencarnação Através dos Tempos.....	150
Bibliografia .....	163
<b>VI – Sócrates .....</b>	<b>165</b>
1 – O Contexto .....	165
2 – Importância de Sócrates.....	168
3 – Conhecendo o homem .....	170
4 – A importância da <i>Psyché</i> em Sócrates.....	173
5 – O “daimonion” socrático.....	176
6 – A morte de Sócrates .....	177
7 – Objetivos do diálogo socrático.....	185
8 – Sócrates e a Imortalidade da Alma.....	191
Bibliografia .....	196
<b>VII – Platão: espiritualidade e racionalidade.....</b>	<b>198</b>
1 – Contexto .....	198
2 – Biografia .....	201
3 – A Obra .....	209

4 – O pensamento metafísico em Platão e suas duas manifestações .....	210
5 – O Dualismo Ontológico e a Cosmologia de Platão .....	213
6 – Platão e a Alma imortal .....	228
7 – O Mito da Caverna.....	238
Bibliografia .....	240
<b>VIII – Aristóteles .....</b>	<b>242</b>
1 – Biografia .....	243
2 – A Obra .....	250
3 – A metafísica de Aristóteles e a questão da alma.....	253
4 – A Ética e a Política.....	263
Bibliografia .....	265
<b>IX – Escolas de Pensamento do Período Helenístico.....</b>	<b>266</b>
1 – Contexto histórico .....	267
2 – Antístenes, Diógenes e os cínicos.....	269
3 – Pirro de Élis e a primeira escola cética .....	281
4 – Zenão de Cítio e os Estóicos.....	287
4.1 – Contexto da escola do Pórtico (Estoicismo) e do Jardim de Epicuro.....	287
4.2 – Zenão e sua escola.....	289
5 – O jardim de Epicuro.....	296
5.1 – A filosofia de Epicuro .....	301
Bibliografia .....	305
<b>X – Jesus e sua mensagem .....</b>	<b>306</b>
1 – Problematizando .....	307
2 – Um pouco de Hermenêutica, História e Arqueologia.....	308
2.1 – Panorâmica do quadro de entendimento atual sobre a formação do cristianismo .....	333
2.2 – As fontes sobre Jesus e seu impacto.....	338
3 – O Evangelho de Tomé .....	343
4 – O Evangelho de Maria Madalena .....	348
4.1 – Quem de fato foi Miryam de Mágdala?.....	348
4.2 – O Evangelho de Miryam de Mágdala.....	355
5 – A mensagem esquecida .....	359
Recapitulando .....	368
6 – Um Jesus para nossos dias .....	370
Bibliografia .....	373
<b>XI – Sobre a pesquisa do Jesus Histórico .....</b>	<b>375</b>
1 – Introdução .....	375
2 – A História da Pesquisa Sobre a Vida de Jesus.....	380
3 – Cinco Fases da Pesquisa sobre a Vida de Jesus.....	383

3.1. – Primeira fase: os “impulsos” críticos para a questão do Jesus histórico .....	383
3.1.1 – Hermann Samuel Reimarus (1694-1768).....	383
3.1.2 – David Friedrich Strauss (1808-1874) .....	386
3.2 – Segunda fase: a pesquisa chamada de “liberal” sobre a vida de Jesus .....	387
3.3 – Crise da pesquisa liberal sobre a vida de Jesus .....	389
3.4 – A pesquisa judaica sobre Jesus .....	391
3.5 – Fase atual: a “thid quest” pelo Jesus histórico .....	391
Bibliografia sugerida: .....	394
<b>XII – A formação do Cristianismo depois de Jesus .....</b>	<b>395</b>
Bibliografia .....	417
<b>XIII – O Cristianismo de Paulo de Tarso .....</b>	<b>418</b>
<b>XIV – Fílon de Alexandria.....</b>	<b>429</b>
Bibliografia .....	437
<b>XV – Apolônio de Tiana .....</b>	<b>438</b>
1 – Introdução .....	438
2 – Entre o lendário, o mítico e o real.....	447
Bibliografia .....	454
<b>XVI – Clemente de Alexandria.....</b>	<b>455</b>
1 – Contextualização .....	455
2 – Clemente de Alexandria .....	457
3 – Clemente e os Gnósticos.....	459
4 – Clemente e a Justiça Social .....	461
5 – A interpretação simbólica do sagrado .....	463
6 – Ecumenismo, dialogicidade e abertura ao saber espiritual do mundo.....	466
Bibliografia .....	467
<b>XVII – Plotino e o Neoplatonismo.....</b>	<b>468</b>
1 – Contextualização .....	468
2 – Biografia de Plotino .....	470
2.1 – Amônio Sacas, Instrutor de Plotino.....	471
3 – Traços da Personalidade de Plotino .....	475
4 – Plotino em Roma .....	477
5 – Propósito e características do pensamento de Plotino e de seu Legado.....	479
6 – A escola de Plotino .....	485
7 – A Mensagem espiritualista de Plotino.....	490
8 – Misticismo ou experiência de Consciência Expandida?.....	494
Bibliografia .....	497

<b>XVIII – Orígenes de Alexandria .....</b>	<b>498</b>
1 – Biografia .....	498
2 – Pensamento.....	501
Bibliografia .....	510
<b>XIX – Hipácia de Alexandria: entre a última luz da sabedoria e as trevas do fundamentalismo.....</b>	<b>511</b>
1 – Introdução .....	511
2 – Biografia .....	512
Bibliografia .....	522



## Introdução

Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana seja apenas outra alma humana.

Carl Gustav Jung

A busca por sentido, orientação e significado para a vida, o mundo e as relações interpessoais perpassa a história humana em suas todas as suas variantes históricas e culturais. Não houve jamais uma cultura em que as pessoas não buscassem perceber o fundamento da realidade para além do dado concreto, das coisas materiais imediatas que a todos cercam. Quer seja nos primórdios da civilização, onde o mito e o pensamento religioso buscavam orientar atitudes e dar um significado ao mundo e ao grupo social da tribo, seja nas sociedades modernas, onde a impessoalidade técnica predomina, há sempre uma necessidade de se compreender o mundo e o nosso papel nele. O que ou quem somos nós? Para que existimos? Tudo é fruto de um espantoso acaso ou, ao contrário, a ordem natural que vemos implica a existência de leis invisíveis e, com elas, de alguma consciência ou propósito inteligente que ordena o Universo onde deveria reinar o caos? A vida é mera manifestação momentânea de um organismo biológico ou ela é expressão de algo que antecede e sobrevive ao corpo? Estas são algumas das perguntas fundamentais que, tal como característica própria da nossa espécie, perpassa a história do

pensamento humano desde antes dos tempos históricos.

Esta obra, dividida em três volumes, é fruto de uma série de estudos primeiramente publicados na forma de artigos curtos, escritos ao longo de 21 anos. Parte do material aqui apresentado foi originalmente pensada para a internet, mas aqui foram revistos, ampliados, atualizados ou mesmo completamente reescritos. A outra parte, em maior número, são textos inéditos. Todos têm como ponto em comum apresentar como as questões fundamentais elencadas acima foram entendidas e pensadas pela civilização ocidental ao longo de três mil anos.

Aqui falaremos, nos três volumes, ao mesmo tempo de Psicologia, Filosofia, Antropologia, História, Ciência e Espiritualidade e, para tanto, partiremos desde as manifestações culturais espontâneas dos povos ocidentais, como os mitos, até as implicações filosóficas e sociais do estudo de ponta da ciência dos séculos XX e XXI.

Apesar de falarmos de assuntos e pessoas ligadas à filosofia e à ciência, esta obra não se apresenta como uma História da Filosofia ou da Ciência, mas como uma reflexão, especialmente voltada para o leitor interessado, de como assuntos envolvendo as questões acima elencadas foram tratadas e discutidas através da História, da Antiguidade Clássica aos dias de hoje. Por isso, aqui são apresentados temas, pensadores e autores que contribuíram para o desenvolvimento do pensamento no que toca ao que diz respeito à intuição universalmente presente de uma ordem espiritual que estaria subjacente à ordem manifesta, ou física. Isso já nos permite justificar porque, entre tantos pensadores, alguns foram aqui apresentados e outros não. Não que não reconheçamos as contribuições de Aristóteles, ou Demócrito, ou outros, mas porque, no conjunto do pensamento, os autores que aqui apresentamos, pensamos, tenham tido, neste aspecto, maior influência que outros no modo como, no Ocidente, o ser humano médio se relaciona entre os polos do idealismo e do materialismo. Além do mais, se estes pensadores, como os acima citados, não são aqui diretamente mencionados em capítulos próprios, eles o são nos capítulos onde pensadores interagiram, refutaram ou dialogaram com eles.



Este também é o motivo pelo qual apresentemos temas independentes, dialogando com o conhecimento atual, entre capítulos que falam do pensamento e vida de diferentes autores, antigos, medievais, modernos ou contemporâneos, temas que foram por eles, de uma forma ou de outra e dentro de seu contexto, abordados.

Acreditamos que os textos aqui apresentados possam ser de utilidade ao leitor medianamente instruído que tenha interesses em tais assuntos, da Psicologia à Filosofia, mas que não tenha fácil acesso às fontes diversas e dispersas sobre eles. Neste caso, o material aqui apresentado, junto com a bibliografia básica sugerida em cada capítulo, poderá servir de orientação na busca das obras dos autores citados ou de outros que aprofundam ou complementam os temas discutidos, o que já é um auxílio valioso no meio do mar de informações de tantas e tão diferentes fontes que nos cercam e que acabam por nos distrair ou encobrir um caminho mais eficaz para a sedimentação do pensar.

Apesar do tema “espiritualidade” ser o *leitmotiv* subjacente aos diferentes capítulos, esta obra não se pretende ligada a qualquer vertente espiritualista ou corrente religiosa institucional definida. Na verdade, seria muito bom que ela fosse uma provocação de interesse dos religiosos e dos agnósticos, uma provocação não para, inflamando suscetibilidades, provocar reações de defesa partindo para o ataque, mas para o diálogo livre sem preconceitos. Aqui não temos a pretensão de dizer “uma verdade” nem impor crenças para qualquer dos dois grupos, e muito menos de esgotar o assunto. Nossa singela pretensão foi a de provocar o livre pensar, deixando ao leitor o desenvolvimento de suas próprias avaliações sobre os assuntos aqui tratados.

É importante frisar que o termo *espiritualismo* aqui se emprega em sentido amplo, para além de qualquer vínculo imediato com o religioso: qualquer pensamento que consiga intuir ou conceber que o mundo manifesto possa ser algo mais que o mensurável, ou que este é apenas uma das faces de uma realidade mais profunda, que parece anteceder, produzir e sobreviver ao mundo sensível e aos modelos teóricos his-

tóricos que nós, humanos, construímos sobre a realidade, é, em princípio, aberto ao espiritualismo, quando não espiritualista. Há pessoas que são profundamente espiritualistas sem ter, necessariamente, uma associação com qualquer religião ou instituição religiosa. Outras há que são profundamente espiritualizadas dentro destas instituições e a prova disto é que conseguem conviver e dialogar sem preconceitos com membros de outras agremiações religiosas. E muitos outros há que são adeptos fervorosos desta ou daquela denominação de fé, mas não são espiritualizados, o que a história comprova pela forma como homens e mulheres se digladiaram (e ainda digladiam) em nome destas agremiações, às vezes de forma explícita e, mais frequentemente, de modo aparentemente sutil, mas sem esconder o ódio mútuo. Infelizmente, são estes últimos os semeadores de discórdia e do distanciamento de muitos da herança da sabedoria que suas doutrinas deveriam exprimir, contribuindo para parte da crise de valores e de espiritualidade que se apresenta em nossos cinzentos dias atuais. O que discutimos aqui, portanto, não são pontos de teologia ou de doutrinas, mas como pensadores entenderam e lidaram com aquelas perguntas fundamentais que acima mencionamos e de como uma discussão destas pode, ainda hoje, ajudar a superar muitas das barreiras e disputas que uma apreensão reducionista, excludente e enviesada que a falta de uma sadia e aberta espiritualidade tem causado ao longo dos séculos.

Também a concepção de filosofia e ciência aqui apresentados necessitam de uma reflexão para além do significado que o uso comum destes termos geralmente nos induz a pensar.

Tomando Sócrates como exemplo (o que é também aplicável a qualquer dos pensadores aqui discutidos), podemos dizer, como o faz Jean-Yves Leloup e Christophe Rogue, que o verdadeiro filósofo não procede tão somente a especulações, mas busca, ao interagir com a natureza e com seus semelhantes, ao refletir, expandir sua experiência vivencial e transformar-se a si mesmo.

Atento a si, ao modo como percebe a realidade, o filósofo (cujo significado literal é o de amante do saber) descobre-se como um eterno aprendiz, na feliz expressão de Gonzaguinha,

e, assim, sabe que pouco ou quase nada sabe simplesmente porque se está sempre aprendendo algo novo que nos mostra o quão pouco sabíamos antes, o que caracterizava a sabedoria de Sócrates. Isso evita o dogmatismo, a vaidade intelectual puramente retórica e, ainda mais, estimula uma ética da solidariedade que, nos dias de hoje, parece ser difícil de discernir, mas que Paulo Freire e Jean-Yves Leloup bem souberam resumir: Na convivência, aprendemos e ensinamos uns aos outros e quanto mais interajo mais condições tenho de me diferenciar ao me reconhecer singularmente na relação com o outro que vejo como semelhante a mim, não como um objeto. Esta diferenciação, ou autonomia, na terminologia de Freire, pode levar à maturidade ética que, nas palavras de Leloup, se mostra mais em ação e coerência que em verbosidade. Trata-se, afinal, segundo o filósofo francês, “de procedermos em conformidade com o que dizemos, dizer em conformidade com o que pensamos e pensarmos em conformidade com o que somos”.<sup>[1]</sup>

Portanto, tomando como referência a filosofia grega da Antiguidade Clássica, em especial em Sócrates e Platão (com sua célebre academia e, de forma mais clara em seus diálogos tardios), a filosofia em essência não se limita a uma busca puramente especulativa ou restrita à uma prática retórica de demonstração de erudição, o que, aliás, era especialidade dos sofistas, mas era parte essencial de um esforço de transformação e cuidado de si mesmo por meio de uma transformação da percepção, constituindo, ao mesmo tempo, uma arte de viver e um exercício espiritual. Nas palavras de Christophe Rogue, “a investigação socrática visava sobretudo uma sabedoria prática ao se interrogar sobre a definição das virtudes, das qualidades morais”. E em outra parte, o mesmo autor reflete que,

É preciso conhecer-se a si mesmo: para ser feliz é preciso estar de acordo consigo mesmo; para isso é preciso confiar no *logos*,<sup>[2]</sup> o único em condições

[1] Cf. Leloup, Jean-Yves. *Introdução aos verdadeiros filósofos*. Editora Vozes, Petrópolis, 2003, p. 7.

[2] A palavra grega *Logos* possui ampla gama de significados. Pode designar o discurso de uma pessoa, a razão (para Sócrates a *razão* não era só o mero intelecto, mas incluía a intuição) ou o sutil sentido de algo, de um acontecimento vivenciado, daí a escola psicológica da *Logoterapia* de Viktor Frankl, ou o sentido

de introduzir a harmonia entre o nosso pensamento, nosso discurso e nossas ações. Quem vive na injustiça ao mesmo tempo em que louva a justiça está em desacordo fundamental consigo mesmo e, portanto, é infeliz. Devemos aprender a conhecer-nos a nós mesmos para não deixar que se introduza em nós esse germe mau que é a ignorância da ignorância: não saber, e crer que se sabe, é a raiz fundamental do desacordo consigo.<sup>[3]</sup>

O filósofo estoico Epiteto (50 a 127 d.C.) discutia a mesma coisa no século I ainda alertava para a fácil mistura entre comprometimento vivencial com a busca do saber, própria da filosofia real, e a mera erudição cognitiva que não se reflete na prática. Aliás, Catherine Chaliier, que faz um estudo deste filósofo, discorreu magistralmente sobre a diferença entre ser um real filósofo e ser um mero erudito, intelectualmente versado em filosofia mas sem viver aquilo que estudou, uma diferença radical e profunda, infelizmente pouco percebida hoje em dia:

(...) a erudição e a especulação em si mesma não suscitam nenhuma mudança no homem; ocorre inclusive, que elas fiquem a serviço de paixões violentas, incompatíveis com o verdadeiro trabalho focalizado na própria pessoa. Para Epiteto, aquele que se limitasse a esse procedimento ficaria sabendo, sem dúvida, muitas coisas; no entanto, considerando que esse saber permanece estranho à sua vida, ele não merece ser chamado de filósofo. Para conseguir tal título, terá de *fazer*, em primeiro lugar, o que é prescrito pelas melhores máximas, sem se preocupar com a aprovação do público, nem com as honrarias que, durante um período efêmero, os homens se atribuem mutuamente. Verifica-se a perversão da filosofia quando esta é confundida com uma busca intelectual que se adapta a uma existência indiferente ou contrária às ideias que ela propõe, muitas vezes, com autoridade, mas sem a mínima preocupação de que o homem realmente

---

que emerge da harmonia da vida ou da Natureza, ou do que está implícito na harmonia do cosmos.

[3] Cf. Rogue, Christophe. *Compreender Platão*. Editora Vozes, Petrópolis, 2005, p. 12